
IMPRESSÕES DE VIAGEM: UM OLHAR SOBRE A MUSEOLOGIA PORTUGUESA

Apresentação

Entre tantas relações que naturalmente nos vinculam a Portugal, um olhar sobre o patrimônio cultural revela um contexto com muitos aspectos onde é difícil separar o que é brasileiro ou português.

A História dos Museus no Brasil tem seu início com as coleções trazidas por D.João VI (1808), das quais muitas eram provenientes da opulência dos palácios, cuja riqueza é fruto do conhecido processo de colonização depredadora de que o Brasil foi alvo.

Da mesma forma, sabemos que muitas coleções etnográficas e de história natural foram reunidas por incentivo e apoio da Família Real e, em alguns casos, levadas a Portugal que, por sua vez, acabou entregando a outros países europeus por razões políticas.

Intrigada pelas questões que envolvem as afirmações acima apresentadas, fui a Portugal no primeiro semestre de 1993 para conhecer alguns processos museológicos, pois é o patrimônio musealizado que apresenta mais aspectos em comum com o Brasil.

Entretanto, é evidente que as mudanças ocorridas em Portugal após “25 de abril” deram um outro rumo às questões

patrimoniais, propiciando a consolidação de trabalhos regionalizados e comunitários. A nova ordem política favoreceu a participação popular e as idéias da Nova Museologia encontraram amplo cenário para sua aplicação. Cabe ressaltar, também, que as próprias dimensões do país e estrutura geo-política colaboram para o desenvolvimento de projetos dessa natureza.

As impressões apresentadas a seguir, em caráter de relato, devem ser compreendidas como reflexões de uma profissional brasileira que encontrou, nesta curta experiência em terras lusitanas, muitos estímulos para repensar os seus princípios museológicos.

Portugal e os Museus: breves comentários.

"Ninguém porá em dúvida esta verdade: portugal tem a obrigação histórica e a necessidade política inadiável de organizar o museu etnográfico do seu império.

O primeiro povo que devassou os mares e colonizou com o seu sangue, com a sua alma e com a sua fé, terras de todos os continentes, ainda não tem o museu que merece o esforço dos antepassados e é devido à dedicação dos actuais continuadores da obra civilizadora dos Portugueses.

Na construção do Nacionalismo inteligente, nota espiritual em que caminhamos, impõe-se o museu do Império Português, como demonstração de quanto fomos, prova de quanto somos e alto farol do que devemos ser.

Obra grandiosa tem de avultar

Quanto fizermos, será ainda pouco e pequeno para a obra de Civilização em que nos empenhamos. Com o Museu Etnográfico prestaremos à ciência histórica e ao

estudo dos povos do Império Português o serviço que nos cumpre.

Não o organizemos em qualquer terceiro andar ou em pavilhão nos cais donde partiram as naus e galeões. Ou se faz, e então faça-se digno de Portugal; ou não se faça, se tem de ser caricatura de museu. Dinheiro não faltará; o Govêrno, as províncias de Portugal inteiro, tôda a Nação chamada a contribuir. E o Museu será" ()*

A partir da idéia de que tradicionalmente os museus existem em função das coleções, a bibliografia especializada aponta três momentos importantes para a formação dos museus portugueses. O primeiro, das origens até à criação do Museu Portuense e à extinção das ordens religiosas; o segundo, até a instauração da República e à supressão dos bens da Igreja e da Coroa e o terceiro a partir da criação das instituições civis.

Esses museus iluministas e enciclopédicos foram os sucessores diretos das coleções dos reis, nobres e religiosos, organizadas desde o século XVI e repletas de material arqueológico, numismático, epigráfico e artístico, além dos elementos de fauna e flora trazidos dos continentes africano, asiático e americano.

Paulatinamente este país acompanha a mudança do conceito de museu-privado para museu-público e inúmeras instituições são criadas na capital e nas principais cidades, de forma organizada e apoiadas na investigação científica.

Apesar de inúmeras manifestações do Estado Monárquico a favor da preservação do patrimônio e constituição de museus, o

(*) Luis Chaves, "Museu Etnográfico do Império Português", Porto, 1941, pag. 3-5.

século XIX representa um momento de expressiva saturação no que diz respeito à organização de instituições museológicas que acabaram se transformando em depósitos de objetos raros e exóticos.

É importante salientar que os diversos problemas políticos enfrentados por Portugal nesta época contribuíram, também, para a transferência de coleções de relevante importância patrimonial para outros países europeus, como também para o Brasil.

Durante o primeiro período republicano são tomadas medidas importantes na reorganização dos museus, dando algum relevo à investigação e ao caráter educacional dessas instituições, estabelecendo, também, uma divisão do território nacional em três circunscrições (sul, centro e oeste) controladas por uma sede em Lisboa que tinha a responsabilidade de guarda dos monumentos e a direção geral dos museus.

É deste período o realce dado aos museus regionais (criados oficialmente em 1836) que foram vistos como a solução ideal para a disseminação dos bens patrimoniais.

Desta forma as duas marcas principais da vigência da 1ª República - legislar e regionalizar - atingem a esfera de atuação dos museus. Foi assim que vários municípios criaram os seus museus municipais e/ou regionais, aproveitando para a sua instalação edifícios e espólios expropriados da Igreja.

Outro marco relevante é o crescente movimento associativo em torno dos museus que, em seguida, desdobra-se em associações profissionais.

O longo período do Estado Novo implantou uma dinâmica para os museus baseada numa "restauração material, restauração moral, restauração nacional" preconizada por Antonio de Oliveira Salazar e traduzida a partir do culto a edifícios simbólicos, da

instituição de uma série de comemorações e da valorização do enclausuramento de obras de arte que pudessem consagrar o passado.

O universo museológico passou a ser alvo de constantes intervenções do Estado, diversos museus foram reformulados e a etnografia regional passou a ocupar espaço preponderante nos museus locais.

Outro aspecto importante da Museologia portuguesa é o que se define a partir da "Exposição do Mundo Português" (1940), através de um inevitável confronto entre um país metrópole de inúmeras colônias em diversas partes do mundo e um país que lutava para manter a sua identidade através da preservação dos usos e costumes regionais.

A partir desta data é intensa a criação de museus regionais que vão desempenhar o papel de centros preservadores da memória local. Cabe ressaltar que este período foi marcado pela idéia de criação do Museu do Homem Português que acabou se traduzindo na constituição do Museu de Etnologia e no de Artes e Tradições Populares. Duas instituições com flagrantes indefinições e marcadas por períodos de interrupções até os dias de hoje.

Os anos 60 quebraram o crescente isolamento que a política centralizadora impôs a Portugal e as novas correntes da museologia internacional começaram a influenciar os profissionais desta área. Destaca-se neste quadro o balanço realizado pelo conservador João Couto (1962) que orientou a elaboração do "Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia". Neste documento, além de aparecer a relação dos museus oficiais, Couto apresenta algumas diretrizes que vão marcar a atuação dessas instituições, tais como: os museus deveriam ser organismos vivos que ao lado da conservação e exposição de objetos se assumissem como centros ativos de divulgação cultural; sugeriu que adotassem os modernos preceitos

museológicos e desenvolvessem mecanismos para atrair um público maior e diversificado e sobre ele exercer uma ação pedagógica.

Ainda nesta época é criada a APOM - Associação Portuguesa de Museologia (1965) com a finalidade de agrupar conservadores, restauradores, arquitetos e outros profissionais envolvidos com a questão dos museus e promover o conhecimento da museologia e dos domínios científicos correlatos.

A Revolução de 25 de abril de 1974 teve na defesa do patrimônio cultural uma das suas principais bandeiras e o processo revolucionário deflagrado em Portugal nos anos subseqüentes é responsável por inúmeras iniciativas museológicas que, apoiadas na crescente discussão internacional sobre os caminhos da Museologia, encontraram eco nesta nova ordem política.

Os inúmeros movimentos político-associativos que também estavam voltados para a idéia preservacionista e o alargamento da noção tradicional de patrimônio cultural, englobando testemunhos da cultura até então negligenciados, sustentaram as novas formas dos museus nas diferentes regiões portuguesas.

Os anos 70 assistiram, também, à edificação de uma das principais instituições museológicas, que embora sediada em Portugal tem pouca relação com todo o processo apresentado anteriormente. Trata-se do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

O panorama museológico português, como outros setores do país, apresenta uma realidade contraditória. Por um lado, iniciativas dinâmicas que interferem no cotidiano das populações, e se alimentam das próprias reivindicações de comunidades que foram despertadas a participar de tudo que lhes diz respeito - apresentando museus cujos conteúdos estão diretamente ligados a problemas locais e são expostos através de uma moderna e questionadora museografia. Por outro lado, o peso do Estado centralizador emerge da estrutura

do recém criado IPM - Instituto Português de Museus, que tenta chegar à contemporaneidade do perfil europeu de museus, através de reformas em diversas instituições que estão longe de atingir a profundidade das políticas museológicas estatais de outros países europeus como a França ou Espanha.

Neste sentido, cabe afirmar que a museologia portuguesa apresenta, hoje, um perfil multifacetado, com projetos integrados às idéias da Nova Museologia e processos museológicos acorrentados aos problemas crônicos que os museus do século XIX legaram ao futuro.

Museologia Contemporânea Portuguesa: uma realidade multifacetada.

Segundo palavras do museólogo do IPM António Nabais (1), espera-se dos museus a capacidade de "dar solução a problemas resultantes do desenvolvimento e transfiguração da sociedade portuguesa, sociedade que vê os seus padrões culturais alterados devido a diversos fatores, tais como, o fenómeno migratório, a criação de bairros dormitórios na periferia das grandes cidades, a destruição das paisagens tradicionais - urbana e rural - a introdução de novas técnicas de produção, a substituição dos instrumentos de trabalho... Observa-se assim a fuga aos esquemas tradicionais, exemplificando uma mudança no campo da museologia portuguesa. Estas novas instituições museais não querem transformar-se em depósitos vazios de conteúdo, só para satisfazer a curiosidade de seus visitantes, como aconteceu com grande parte de suas predecessoras".

Durante o período de estágio em Portugal (primeiro trimestre de 1993) convivi com diferentes modelos de museu, ou melhor, museus em tempos diferentes. Desde a estrutura pesada e anacrônica dos grandes Museus Nacionais, vinculada ao recém criado (1991) Instituto Português de Museus que controla a política oficial de Museologia, mantendo instituições em diversas partes do país, mas com grande concentração em Lisboa, até os projetos alternativos vinculados à Nova Museologia.

A partir de sua constituição, o IPM vem realizando reformas estruturais nos principais centros museológicos e organizando grandes exposições temáticas, além da implantação de um consistente projeto de informatização das coleções museológicas. Os

(1) in "Almada", nº 3, 1984

acervos dessas instituições estão vinculados, por um lado, ao patrimônio herdado da Igreja, do Estado Monárquico, das grandes coleções da alta burguesia e, por outro, às pesquisas realizadas em História Natural, Arqueologia e Etnologia. Acervos constituídos, também, com objetos provenientes do processo de colonização.

Instalados em palácios, igrejas, castelos e outros tipos de edifícios grandiosos, esse museus vêm sendo repensados museograficamente. Destaco, como exemplo, as novas montagens do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, do Museu Monográfico de Conímbriga e do Museu da Cidade de Lisboa. Utilizam aspectos do cotidiano para viabilizar a comunicação das pesquisas científicas e valorizar coleções provenientes de escavações arqueológicas.

Os outros museus deste Instituto, com honrosas exceções, apresentam um flagrante aspecto de abandono, do ponto de vista de conservação dos objetos expostos e da museografia das exposições.

Entretanto, desenvolvem projetos educativos voltados às escolas e abrem suas portas para atividades artísticas, buscando uma aproximação maior com o público.

É bastante comum a publicação de artigos e mesmo cadernos especiais sobre os museus, nos principais jornais do país, valorizando os programas oficiais do Ministério da Cultura.

Se estes museus do IPM representam a política museológica oficial, constatei que alguns museus regionais desenvolvem trabalhos patrimoniais a partir de outros cânones e utilizam a Museologia como instrumento objetivo para a abordagem de problemas ligados ao desenvolvimento local.

Desta forma, os Museus Municipais de Setúbal vêm atuando em conjunto há mais de dez anos e tratam a cidade e sua população através de eventos museológicos, estabelecidos em um cronograma

onde se cruzam propostas temáticas vinculadas aos respectivos acervos ou temas levantados junto à população, através de inquéritos que têm a Escola como ponto de partida.

A estrutura urbana e a evolução histórica da cidade também são tratadas em projetos de animação sócio-cultural para o público infanto-juvenil. Assim sendo, edifícios de diversos períodos, ruínas medievais das muralhas que cercam a cidade, o porto com todas as suas atividades, as transformações do comércio, as igrejas e as praças, têm sido alvo constante de interpretação museológica, ao lado do acervo dos três principais museus: objetos de arte sacra do Mosteiro de Jesus, objetos do universo do trabalho tradicional em Portugal (campo) e elementos ligados à indústria pesqueira.

Periodicamente, são organizados grandes eventos ligados à memória da região, através de projetos de Educação Patrimonial, quando são reconstituídos momentos importantes da história da população, como por exemplo: a tomada do Forte de São Felipe pelos Espanhóis no séc. XVII.

A partir de diferentes estímulos, observei que a "exposição" é o principal instrumento do processo de salvaguarda do patrimônio local. Os trabalhos de investigação sócio-histórica são realizados para o conhecimento mais profundo dos fenômenos com os quais a população interage e são canalizados para a concepção de mostras temporárias que, por sua vez, se transformam em polos para o desdobramento de eventos educativo-culturais.

Enquanto em Setúbal foi possível observar a abordagem patrimonial de uma cidade que desempenha um papel de destaque na história de Portugal, através da economia ligada à pesca e indústria pesqueira, em Mértola, no Alentejo, a problemática apresenta outro perfil.

O "Campo Arqueológico de Mértola" ou a "Vila-Museu", localiza-se à margem do Rio Guadiana, que em um passado remoto foi uma importante via comercial, fazendo de Mértola um destacado centro para o desenvolvimento da Península Ibérica.

Entretanto, segundo palavras do Presidente da Câmara, esta terra, "... com outras de raia interior, conta-se hoje entre as mais pobres do país, com uma população envelhecida, sem alternativas econômicas capazes de fixar os mais jovens, atraídos cada vez mais pelos grandes centros urbanos do litoral. O desenvolvimento industrial não será certamente o nosso futuro, por falta de estruturas mínimas, de vias de escoamento e de mão-de-obra especializada. Por isso, desde o início, a Câmara Municipal de Mértola optou por um significativo investimento cultural, apoiando a investigação arqueológica e histórica regionais o que, pouco a pouco, tem vindo a dar os seus frutos. Hoje, Mértola além de ser um prestigiado polo de investigação científica, transformou-se num atrativo cultural e turístico capaz de gerar riqueza e bem estar para seus habitantes" (2).

Esta opção pela Cultura como meio para o estabelecimento de estratégias para o desenvolvimento de uma população, faz deste Campo Arqueológico um projeto científico voltado à valorização de uma comunidade a partir do estudo de elementos fundamentais de sua trajetória.

Até o final do século passado Mértola ainda desempenhava um relevante papel, pois o porto fluvial mantinha um movimento significativo devido ao escoamento da produção da Mina de São Domingos, mas, sem dúvida, as pesquisas Arqueológica e Histórica têm revelado um acúmulo de experiências humanas nesta região, de inigualável importância no contexto português.

(2) Mértola-Vila Museu, catálogo editado em 1990.

Durante cinco séculos Mértola foi um grande centro de escoamento mineiro e agrícola do Baixo Alentejo, fazendo com que mercadores do Império Romano se estabelecessem no local. O período islâmico deu continuidade ao fluxo comercial, transformando esta vila em capital do território. Depois da conquista cristã de 1238, por cavaleiros da Ordem de Santiago, as rotas comerciais se desviaram cada vez mais do Rio Guadiana para os estuários dos Rios Sado e Tejo.

Conforme afirma Dr. Claudio Torres - coordenador científico do Campo Arqueológico - "Mértola era, no 25 de Abril - já encerradas as Minas de São Domingos - um povoado adormecido, em que já morrera a última carreira fluvial, sua única e primeira razão de ser".

Esta Vila-Museu se traduz para os próprios habitantes atuais e visitantes a partir de diversas zonas de escavações associadas a núcleos museológicos (exposições), como o Núcleo Visigótico - localizado no Castelo e voltado para aspectos da arquitetura; o Núcleo Islâmico que reúne significativa coleção de arte islâmica, especialmente o conjunto cerâmico; o Núcleo de Arte Sacra com objetos litúrgicos coletados em igrejas que foram abandonadas; o Núcleo Romano - evidenciado no momento da reconstrução da Câmara e que originalmente este espaço abrigou um conjunto de casas.

Ao lado desses Núcleos Museológicos que apresentam mostras didáticas com explicações sobre os respectivos períodos de ocupação, está sendo instalado o Núcleo Paleo-Cristão ligado às ruínas de uma basílica, localizadas sob a construção de uma escola pública erguida em 1920.

O centro histórico constituído por ruelas, casas brancas e circunscrito às ruínas das muralhas, a atual Igreja Matriz instalada

em uma antiga mesquita, a Casa do Ferreiro com todos os instrumentos de trabalho, o Convento de São Francisco - fronteiro à Vila que tem sido dinamizado através de exposições de artes plásticas e espetáculos de dança e música, são outros pontos referenciais desta Vila-Museu.

Embora Mértola já tenha sido alvo de pesquisas em outras épocas, foi no final da década de setenta que teve início as atividades sistemáticas do Campo Arqueológico. Este, por sua vez, priorizou a musealização imediata do conhecimento produzido a cada momento das investigações, com o principal objetivo de recuperar a identidade de uma população que foi "fossilizada" por um processo de desenvolvimento que transferiu sua atenção para outras regiões do país.

As escavações ininterruptas por todos os lados da Vila evidenciam uma estratigrafia que comprova as sucessivas ocupações desta região em função do Rio Guadiana, que há muito tempo deixou de ser um referencial para a atual população. Os conhecimentos construídos com o apoio das pesquisas em História e Arqueologia, ao mesmo tempo que estão colaborando para que os mertolenses contemporâneos se reencontrem com a Vila de Mértola, estão propiciando também um novo olhar para esse rio e todo seu entorno ecológico.

Para tanto, a equipe do Campo Arqueológico deu início a um movimento social procurando despertar a comunidade para a preservação do Rio Guadiana. Deste movimento nasceu a Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola que apoiada em sistemática pesquisa está propondo a constituição do Ecomuseu do Rio Guadiana. Conscientes que os bosques mediterrânicos que povoaram esta região estão muito comprometidos em função das queimadas da pastorícia e da fundição do ferro, esses profissionais concordam que

os poucos ecossistemas que guardam resquícios das comunidades biológicas primitivas, mostram como hoje ainda é assegurado um equilíbrio dinâmico. Entretanto, "a urgente necessidade de salvaguardar tais valores passa por esforço de conservação integrada, a partir de uma cautelosa intervenção no meio, que não destrua irremediavelmente um equilíbrio dificilmente recuperável" (3).

Se no caso dos Museus Municipais de Setúbal o poder oficial da Câmara ainda desempenha papel relevante, como o grande mantenedor das coleções patrimoniais e financiador dos projetos museológicos, em Mértola a ação preservacionista está seguindo outro curso.

A partir de projetos de pesquisa científica, financiados pelos mais diferentes órgãos externos à Mértola, é criada uma estratégia de recuperação dos espaços e "devolução à população". Neste sentido e em função da relevância dos estudos realizados pela equipe do Campo Arqueológico, são flagrantes a independência de orientação e a estabilidade dos trabalhos em relação ao poder oficial.

É possível constatar, também, que a ação do Campo Arqueológico extrapolou os limites portugueses. Durante os dias de estágio convivi com profissionais de diversos países que, ou desenvolvem estudos vinculados à própria equipe de Mértola, ou estavam visitando em função da relevância das pesquisas ali realizadas.

Outra análise comparativa entre a Museologia praticada em Setúbal e em Mértola pode ser elaborada a partir da observação da linguagem expositiva e da participação nos projetos de animação sócio-cultural. Embora ambos processos preservacionistas

(3) Ecomuseu do Rio Guadiana - proposta da Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola, 1991.

privilegiem a musealização, em Setúbal é evidente a museografia argumentativa de exposições e os trabalhos voltados para o público infanto-juvenil escolar. Já em Mértola, a estratégia museológica está baseada na relação direta entre pesquisa científica e desenvolvimento comunitário, passando pelo estabelecimento de núcleos museológicos que quando são constituídos (através de uma museografia tradicional) representam mais opções de trabalho e de estabilidade para a população.

Enquanto as exposições especiais organizadas em Setúbal, a partir dos inquéritos, representam possibilidades da população refletir sobre os problemas atuais ligados, ao Porto Fluvial, à saúde, aos rituais, à produção artística entre outros; em Mértola a pesquisa e a musealização sobre o passado remoto têm sido responsáveis pela "desfossilização" da comunidade e pelo estabelecimento de novas possibilidades de sobrevivência.

Ao lado dessas experiências tive a oportunidade de conhecer o processo museológico desenvolvido pelo Museu Etnológico de Monte Redondo na Leiria, iniciado na década de oitenta a partir da coleta de objetos do universo rural, junto à população de sua área de influência e da obtenção de um terreno para construção de sua sede, admitindo, desta forma, o apoio da autarquia local.

Segundo afirmações do responsável pelo desdobramento desse processo museológico, Prof. Mário Moutinho, "... nessa época passamos por um dilema real que se podia resumir da seguinte maneira: - Museu Tradicional com participação formal da população, voltado para os testemunhos do passado e Museu Incógnita voltado para os problemas do meio material e social que o rodeava. A primeira situação apresentava-nos um caminho suficientemente estudado, sem outras dificuldades de realização que não fossem a maior ou menor disponibilidade de recursos financeiros para manter

o museu aberto. A segunda situação deveria avançar por terrenos mal conhecidos, afrontando a incompreensão das outras instituições museológicas, socorrendo-nos dos conceitos, então mal definidos, do que se constituía como sendo expressões de uma nova museologia" (4).

Embora ainda exista a coleção acima referida e a construção da sede tenha sido realizada para abrigar uma exposição, é evidente que o processo museológico em desenvolvimento em Monte Redondo trilhou os caminhos apontados pela segunda situação.

Nesse sentido, é um museu difícil de conhecer *in loco*, por isso optei por estudar os textos que faziam menção à tal proposta e discutir com os profissionais envolvidos.

Quando cheguei ao local pude perceber com maior clareza as referências que tinha ouvido em diversas ocasiões de que o Museu Etnológico de Monte Redondo era um museu intermitente.

Entretanto, constatei que embora a sede fique fechada - cuja chave é guardada por pessoas da população - este museu mantém toda a documentação sobre a doação dos objetos e história de vida dos doadores. Como também mantém uma pequena exposição com parte de seu acervo e apresentação museográfica de alguns dos inúmeros projetos de intervenção social realizados sob os auspícios do museu.

A partir desse levantamento pude constatar que a atuação desse museu é intensa, quer seja no que diz respeito a projetos junto às escolas, quer seja através do apoio a projetos científicos voltados para os problemas da região. Em geral são projetos que têm início

(4) Mario Moutinho, "Museu Municipal de Monte Redondo: balanço da actividade 1986-1991." In: Patrimônio e Museus Locais, nº 5, 1991 - Lisboa.

com o apoio integral do museu e que, em seguida, assumem autonomia.

Considero que o aspecto mais contundente desse processo museológico tem sido a parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, através de diversos projetos que visam a melhoria das condições de trabalho do ponto de vista de compra de equipamentos, formação profissional e apoio ao escoamento da produção.

Projetos ligados à produção oleira, à valorização de atividades profissionais como das costureiras e cabeleireiras estiveram lado a lado com pesquisas científicas voltadas ao estudo de questões ambientais e culturais da região. Através dessa metodologia o Museu Etnológico de Monte Redondo vem construindo seu processo de intervenção social, evidenciando um questionável descarte do caráter preservacionista da Museologia.

Cabe ressaltar que entre suas principais atividades está a publicação da Revista Merídiés, do periódico Cadernos de Patrimônio e outras publicações ligadas à história de Monte Redondo ou às pesquisas ali desenvolvidas.

A realidade multifacetada da museologia portuguesa apresenta ainda um outro perfil que não se confunde nem com os Museus Nacionais do IPM, nem com os projetos regionais de Setúbal, Mértola ou Monte Redondo que em graus diferentes aplicam os métodos preconizados pela Nova Museologia. Trata-se da museologia institucionalizada pelo Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

Amparada no conceito mais tradicional que a história dos museus legou para a museologia, esta instituição está fundamentada na coleção particular do milionário armênio Calouste Sarkis Gulbenkian que a partir de seu olhar, de seu gosto e de suas

abastadas possibilidades econômicas e condições educativo-culturais, reuniu um significativo número de objetos da arte européia e oriental. Também para cumprir seu desejo expresso, esse conjunto de 6400 peças foi instalado sob o mesmo teto e, em 1969, o museu foi aberto ao público no coração da cidade de Lisboa, embora em suas coleções não exista uma única peça de Portugal.

No entanto, este museu ocupa um papel de destaque entre as instituições museológicas voltadas para as artes decorativas, prestando um inestimável serviço à sociedade portuguesa.

Considerando que a Museologia Tradicional trabalha a partir da relação entre o "Homem" (público), o "Objeto" (coleção) em um "Cenário" (edifício/instituição), pode constatar que a prática museológica desse museu está perfeitamente equilibrada a partir de um adequado edifício construído para o projeto museológico, que apresenta condições ideais tanto para conservação quanto para exposições. Da mesma forma que as coleções estão bem conservadas, armazenadas e expostas, tanto quanto bem estudadas por uma equipe de especialistas, que com raras exceções, está integrada à instituição desde o início.

Embora o acervo não tenha uma relação direta com Portugal, pode constatar através da participação em diferentes atividades do Serviço Educativo, o quanto é feito para que as Galerias de Exposições tenham relevância na formação dos estudantes.

Destaco, ainda, dois aspectos fundamentais deste museu. Por um lado, a manutenção de um arquivo com todo o acervo documentado como também toda a memória das atividades da instituição e, por outro lado, a separação física e estrutural do Museu Calouste Gulbenkian com a Fundação do mesmo nome. Esses dois aspectos reafirmam a necessidade que um equilibrado processo

museológico tem de uma definição institucional precisa e da preservação de sua memória.

A partir dos estágios realizados nos locais acima mencionados e das visitas de estudos, pude observar que a museografia expositiva, aplicada em grande parte dos museus portugueses é narrativa, apoiada em cenários, fotos e textos que procuram apresentar a origem, função e tecnologia, bem como contextualizar os objetos.

Com um número significativo de museus regionais, as exposições museológicas portuguesas são temáticas e procuram valorizar a história local. Neste sentido, destaco o Museu do Vinho de Cartaxo, o Ecomuseu de Seixal, o Museu da Cidade de Lisboa. Embora com propostas bem distintas, a museografia é clara, apoiada em códigos de cores - letras e através da contextualização dos objetos é possível compreender os temas das mostras. Cabe destacar a inexistência de aparelhos eletrônicos como elemento facilitador da museografia.

Menciono, ainda, o estudo realizado sobre o impacto causado pela exposição "Dinossaúrios". Fugindo completamente aos "parâmetros portugueses", tanto do ponto de vista da forma museográfica robotizada, quanto da espetacular reação do público, considere fundamental proceder a esta análise.

Através de diversas visitas pude fazer um estudo sobre as reações do público infanto-juvenil que se encantava duplamente com a exposição. De um lado, o deslumbramento pelo "contato" com dinossauros e, por outro lado, a estupefação pelo conhecimento dos robôs que os sustentavam. Além da mostra ter ficado aberta, em muitos dias durante a madrugada, para atender visitantes que chegavam de todo país, ela causou um grande impacto no comércio

situado próximo ao Museu de História Natural, onde estava sendo apresentada.

Durante o período de funcionamento da exposição era comum referências nos jornais e nas ruas sobre o evento.

Tive acesso ao projeto da exposição (de uma empresa japonesa) e sobretudo ao plano de marketing que foi concebido para sua elaboração e divulgação. Plano este, baseado em um consórcio de empresas que financiavam sua montagem e na reversão do montante arrecadado nas entradas para as pesquisas do museu.

Embora esse evento não esteja vinculado a nenhuma das facetas da museologia contemporânea portuguesa, tenho certeza que interferiu em sua dinâmica, na medida em que transgrediu a ordem estabelecida tanto pelos profissionais da museologia tradicional quanto pelos precursores de uma nova metodologia de trabalho.

Obs.: este texto, com algumas alterações, faz parte do relatório de viagem encaminhado à VITAE e CAPES em 1993